

REESCRITAS DA BÍBLIA: AS VERSÕES DE SARAMAGO, VIDAL E MAILER

Delzi Alves Laranjeira
Universidade Federal de Minas Gerais
Julho/2002

A Bíblia é considerada “o documento central da cultura da civilização ocidental”¹ Sua importância deriva do fato de ser um texto “oficial” — no que se refere ao Judaísmo e Cristianismo, fundacional — por constituir uma das bases sobre a qual se edificou muito do pensamento ocidental, e fundamental, por modelar a visão de mundo de uma civilização, que o mantém como pilar ideológico e hegemônico, dentro e fora do contexto religioso.

A literatura, por exemplo, é permeada pela influência da Bíblia. Bevan a considera o texto paradigmático literário, “o repositório de pontos de referência, de imagens, alusões, mina de ouro de mitos, personagens, idéias, modos narrativos e modelos sobre os quais romancistas e poetas continuamente se debruçam”² Essa presença constante da Bíblia na cena literária também é confirmada por Northrop Frye em *The Great Code*³, ao afirmar que o leitor que desconhece a Bíblia entende pouco do que lê. Para Frye, a Bíblia é “claramente o maior elemento da nossa tradição imaginária, e por isso não pode ser ignorada”⁴. Observa-se, na cena literária, uma constante reescrita dos episódios bíblicos. Os romances de José Saramago, Gore Vidal e Norman Mailer, por exemplo, recontam a mesma história: a de Jesus Cristo. Os títulos são similares e estabelecem uma relação imediata com a Bíblia: *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de Saramago, *O Evangelho Segundo o Filho*, de Norman Mailer e *Ao Vivo do Calvário*, de Vidal, cujo subtítulo é *O Evangelho Segundo Gore Vidal*.

¹ BEVAN, David (ed.). *Literature and the Bible*. Atlanta, GA: Rodopi, 1993, p. 4. As traduções de todos os textos em língua estrangeira são de minha responsabilidade.

² BEVAN, p.3-4.

³ FRYE, Northrop. *The Great Code: The Bible and Literature*. New York: HBJ, c1982, p. xii.

⁴ FRYE, p. xiii.

No entanto, apesar de versarem sobre o mesmo tema, a construção narrativa dos três autores difere substancialmente entre si. A de Saramago, por exemplo, começa descrevendo a cena da crucificação e faz um *flashback* da concepção de Jesus até a caminhada para o Gólgota. Nesse ínterim, o autor modifica a narrativa em relação ao registro bíblico: na sua ida ao deserto, Jesus encontra-se com Deus, não com o demônio, vive maritalmente com a prostituta Maria de Magdala, reúne-se com Deus e o diabo numa barca no mar da Galiléia, não ressuscita Lázaro. Citações do Velho e do Novo Testamentos permeiam a narrativa, algumas vezes inseridas em novos contextos, como quando Jesus retorna a sua casa em Nazaré, depois de quatro anos de ausência e logo após seu encontro com Maria de Magdala. Ao entrar em casa, sente vontade de dizer: “Confortai-me com uvas passas, fortalecei-me com maçãs, porque desfaleço de amor”⁵, uma frase retirada do *Cântico dos Cânticos*⁶. Esses diálogos com o texto bíblico estabelecem, segundo Salma Ferraz “um confronto produtivo com o Outro, de forma que as confluências textuais acabam por enriquecer sobremaneira a leitura, que se torna uma superfície oblíqua e ondulante”⁷. Valendo-se também dos apócrifos, de fatos históricos e até de outros escritores, como Camões e Fernando Pessoa, Saramago tece a história de Jesus como um mosaico.

O romance de Norman Mailer, num tom que ecoa o dos Evangelhos e com Jesus narrando em primeira pessoa, inicia a história com o seu batismo — mais adiante ele revela os fatos envolvidos na sua concepção. A narrativa prossegue então na mesma ordem dos Evangelhos: a ida ao deserto para ser tentado, a pregação, os milagres, prisão, julgamento e crucificação. Apesar de Mailer incluir alguns detalhes no que se refere aos “anos obscuros” da vida de Jesus — período que vai dos doze aos trinta anos, quando começa seu ministério, ele usa muito do que

⁵ SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. 15. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 291.

⁶ BÍBLIA Sagrada. A. T. *Cântico dos Cânticos*. 90. ed. São Paulo: Ave Maria, 1993. cap. 2,5, p. 827.

⁷ FERRAZ, Salma. “Confluências Textuais no (Des)Evangelho Segundo José Saramago”. In: *Uniletras*, Ponta Grossa. n. 18, p. 23-36, dez. 1996. p. 26.

está escrito nos Evangelhos oficiais para compor seu Jesus. O que se observa é uma intenção crítica a respeito da exatidão do Novo Testamento, quando, logo no início do romance, Jesus os contesta:

Porquanto não diria que as palavras de Marcos sejam falsas, elas contêm muito exagero. E mais ainda as de Mateus, e Lucas, e João, *que me atribuíram frases que eu nunca proferi, descrevendo-me como amável, quando eu estava pálido de ira*. Eles escreveram muitos anos depois de minha partida, apenas repetindo o que escutaram de homens mais velhos. Muito velhos, mesmo. São histórias tão sem fundamento quanto um arbusto desprendido de suas raízes e que vagueia ao léu, tangido pelo vento⁸

Afirmando que os quatro evangelistas tinham um objetivo maior que simplesmente contar sua história — a formação de uma igreja dos seguidores de Cristo estava em jogo —, Jesus informa aos leitores que sua própria narrativa, livre desse compromisso, tentará “chegar tão perto da verdade quanto possível”⁹. Os evangelhos oficiais e os apócrifos, segundo Jesus, não conseguem dar “conta da verdade, que pode estar conosco, num lugar, e enterrada em outro”¹⁰. Sua narrativa, portanto, pretende ser a que mais se aproxima dessa noção de verdade que não se reconhece absoluta, mas deslocável e relativizada.

No entanto, o romance de Mailer parece contradizer essa intenção de questionar os textos bíblicos, pois sua estrutura narrativa reforça muito do que está contido nos evangelhos canônicos. As palavras de Jesus ao proferir o sermão da montanha, sua ira ao dirigir-se aos vendilhões do templo são paráfrases do Novo Testamento que exemplificam como Mailer corrobora o texto canônico. Ao contrário de Saramago, Mailer não efetua uma crítica incisiva dos episódios bíblicos, não mostra novos ângulos, não os questiona. Seu texto evidencia-se como um contraponto em relação aos outros dois romances, que claramente efetuem uma crítica da história

⁸ MAILER, Norman. *O Evangelho Segundo o Filho*. Trad. Marcos Aarão Reis e Valéria Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 7.

⁹ MAILER, p. 8.

¹⁰ MAILER, p. 8.

e dos preceitos cristãos. O romance de Mailer levanta também a questão sobre o tipo de reescrita que efetua, uma reescrita que propõe rever uma maneira de definir a verdade, mas que não consegue levar esse objetivo a termo.

Das três narrativas, a de Gore Vidal é a que mais diverge do formato conhecido da história de Jesus. Na verdade, o romance é uma história sobre a reescrita do evangelho. Vindos do futuro, alguns executivos da NBC e General Electric pedem a São Timóteo, na época (96 E.C.) bispo de Tessalônica, para escrever o Evangelho, pois no futuro um poderoso hacker irá destruir todos os registros da história de Jesus, o que modificará o mundo substancialmente, uma vez que não haverá Cristianismo. Ao mesmo tempo, os executivos estão interessados em transmitir ao vivo a crucificação, convidando Timóteo a ser o âncora do evento e relatar ao mundo o que realmente aconteceu (numa versão editada de acordo com os interesses da rede transmissora). O narrador do romance é São Timóteo (como ficou conhecido), que, para compor seu evangelho, relembra a história da expansão do Cristianismo, que é tratada como uma questão de “business”, tendo São Paulo e São Pedro como seus principais executivos, e ainda um braço judeu, com Tiago, irmão de Jesus, no comando. Cristo, que, descobre-se no final, é o hacker que apagava os arquivos sobre sua própria história e havia colocado Judas para ser crucificado em seu lugar, escapando para o futuro, acaba cumprindo seu destino de morrer na cruz e, acredita-se, salva o Cristianismo. O indício de que isso pode não ter ocorrido, e de que Jesus (e outros interessados) acaba enganando os que tentaram preservar sua história, está nos Evangelhos segundo Marcos e Timóteo, resgatados no futuro completamente adulterados. Juntamente com uma crítica do papel do Cristianismo, Vidal atira farpas na mídia televisiva e na sociedade americana.

Ao Vivo do Calvário parodia e satiriza o texto bíblico utilizando como hipotexto,¹¹ os Atos dos Apóstolos e não os Evangelhos — canônicos ou apócrifos, diferindo de Saramago e Mailer. No romance de Vidal, várias passagens relatadas em Atos são reinterpretadas e o tempo presente da história — por volta do ano 96 — é alterado por novas tecnologias que permitem a inclusão de pessoas e equipamentos — como vídeos e aparelhos de TV — nos primórdios da era cristã. Essas interrupções e alterações das origens do Cristianismo podem ser vistas como exemplos de subversão da história cristã, que, como no romance de Saramago, constituirá a tônica do romance de Vidal. Em termos intertextuais, a paródia dos Atos dos Apóstolos também contribui substancialmente nesse sentido.

Os Atos dos Apóstolos, de autoria atribuída ao evangelista Lucas, são narrativas da difusão da doutrina cristã efetuada pelos apóstolos, principalmente Pedro e Paulo. Paulo, como se sabe, não foi discípulo de Jesus, mas se converteu ao cristianismo após a visão que teve no caminho entre Jerusalém e Damasco, como narrado em Atos 9, 3-6. Além desse episódio, vários outros narrados nos Atos também fazem parte da narrativa de *Ao Vivo do Calvário*. Há várias alusões e citações do Novo Testamento, que são reinterpretadas e recontextualizadas, conferindo um sentido adverso e satírico em relação ao intertexto bíblico. Os romances de Vidal, Saramago e Mailer abrem espaço para analisar esse (re)criar da história de Jesus, e a relevância dessa reescrita, com tudo que ela evoca — a questão da autoria, da intertextualidade, da paródia, da carnavalização

Toda reescrita envolve um processo interpretativo. Nos textos bíblicos, essa interpretação se dá por *midrash*, um conceito assim explicado por Frank Kermode em *The Genesis of Secrecy*:

¹¹CHANDLER, Daniel. *Semiotics for Beginners*. [on line]. 1994. Disponível em <<http://www.aber.ac.uk/media/Documents/SB4>>. [07/04/2001]. p.10. A hipotextualidade é um dos subtipos de relação intertextual (ou transtextual) listados por Genette e designa “a relação entre um texto e um ‘hipotexto’ que o precede — um texto ou gênero no qual o outro texto se baseia, mas que o transforma, modifica, elabora ou amplia (incluindo paródia, tradução, sequência).

midrash “deriva de *darash*, sondar ou examinar; uma vez a obra pronta, seja por mudança ou acréscimo fictício, ou por comentário, seu objeto é penetrar a superfície e revelar um sentido secreto, mostrar o que está escondido no que é dito”¹². (Através da prática de *midrash*, o intérprete, ao reescrever a história ou explicá-la de uma outra maneira que ele julga ser mais aceitável, “preenche a lacuna entre uma audiência original e outra moderna”. Ao transportar esse procedimento dos textos religiosos para os literários, podemos sugerir que os romances de Saramago, Vidal e Mailer continuam uma tradição de *midrash*, contribuindo para uma reinterpretação e reescrita da história de Jesus cuja audiência já pode distinguir entre o religioso e o secular, entre fé e a razão.

Os romances também enfatizam as relações entre literatura, história e religião, estabelecendo um contexto que entende a literatura como um fenômeno interligado com as demais práticas culturais, pois ao confrontar os evangelhos dos três autores e os textos bíblicos, questões sobre como a literatura revê o passado, como a religião confere um certo “fechamento” de um texto considerado sagrado e como a literatura promove uma “reabertura” desse texto são levantadas. A resposta a essas questões pode acrescentar uma nova reflexão a respeito tanto da Bíblia como texto fundador e detentor da “verdade”, quanto da obra literária como fórum de questionamento desse preceito.

¹² KERMODE, Frank. *The Genesis of Secrecy: on the interpretation of narrative*. 9th ed. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996, p. x.